

Husserl e Merleau-Ponty: a relação entre a motricidade do corpo e a fala

Husserl and Merleau-Ponty: the relationship between bodily motility and speech

RUBEN A. MATESAN¹

Introdução

De acordo com interpretações canônicas do postulado husserliano sobre o próprio corpo, este se limitou a apontar direções de investigação que só filosofias posteriores aprofundaram no tema. Nesta mesma linha, podemos afirmar que embora E. Husserl não desenvolveu uma teoria da fala propriamente dita, aborda aspectos fundamentais da linguagem no âmbito de sua fenomenologia. Esses temas são especialmente entrelaçados com sua teoria dos atos de significação e intencionalidade, -presentes em obras como *Investigações lógicas* e, mais especificamente no primeiro capítulo titulado: *A expressão e o significado*²-.

Em seguida, vamos tentar colocar em questão esta linha de interpretação comparando as investigações deste filósofo com uma proposição que, aparentemente, é mais do que *devedor*: referimos a análise que realizou sobre a corporalidade Merleau-Ponty em sua *Fenomenologia da Percepção*.

Nossa tese, portanto, pretende demonstrar que, da perspectiva husserliana, a consciência como substrato de habitualidades, não pode ser entendida sem antes indagar no desenvolvimento que faz o autor sobre o próprio corpo e o que viria a ser seu traço constitutivo, ou seja: o movimento em termos de dimensão constituinte. Isso nos permitirá reformular a categoria de objetividade subjetiva³ presente em Husserl, em termos de subjetividade objetiva que, do quadro

¹ (quelalluvuatealivie@gmail.com)

² Edmund Husserl; *Meditaciones Cartesianas* & 1 Pág. 10; Ed. EDITORA NACIONAL MADRID; Trad. José Gaos.

³ Esta nota foi tirada de! livro "Husserl, mundo, consciencia e temporalidad" de Roberto Walton onde o autor, em seu artigo "Corpo próprio e temporalidade na interpretação de Husserl", cita a seguinte referência: Edmund Husserl; Hua. IV, p. 153.

hermenêutico que propomos, pareceria preanunciar a concepção merleau-pontina da subjetividade corporal que tem como consequência uma ontologia da linguagem.

Husserl, corpo próprio e fala

Na *V Meditação*⁴, Husserl estabelece uma distinção entre corpo físico [*Körper*] e corpo próprio ou vivo [*Leib*] com base em uma dimensão dinâmica, isto é, o movimento imanente como característica constitutiva do "corpo vivo-próprio" enquanto dispõe de uma série de operações motoras. Na verdade, quando Husserl realiza a redução para a "esfera da primordialidade" - o que lhe permite realizar a *epojé* de uma gama de sentidos que aparecem codeterminados com o "outro"⁵ encontramos, no ponto de partida de tal exclusão abstrativa, basicamente quatro caracteres do "corpo próprio" e seu concomitante *eu* que medita em primeira pessoa, a saber:

- O "corpo próprio" é o que determina a "orientação" de um ego transcendental no mundo.
- A partir de seu movimento ou deslocamento, o "corpo próprio", organiza o sistema de aparições do próprio objeto.
- O "corpo próprio" experimenta um campo de sensações que exigem pôr em ação "cinestésias", ou seja, um "movimento" dos vários órgãos sensoriais que configuram o objeto.
- O "corpo próprio" é passível de autogoverno.

⁴ Edmund Husserl; *Meditaciones Cartesianas* & 44 Pág. 125; Ed. EDITORA NACIONAL MADRID; Trad. José Gaos.

⁵ Já que não fazemos para os fins deste trabalho, apenas mencionamos a título de informação, três estágios da *primordialidade* que permitem chegar a graus de "empatia" cada vez mais complexos, a saber: (a) transferência analógica (b) verificação legitimadora (c) empatia como presentificação do curso de vivência alheia no modo do "como se" eu estivesse lá. Vale esclarecer que esses três caracteres não esgotam os traços constitutivos da *primordialidade*, pois também incluem, não só a *mundanização* de um *eu* psicofísico em que o *eu* transcendental se interpreta como um corpo físico unido ao corpo próprio, mas também, aqueles produtos ou obras que respondem à constituição exclusiva de! *eu* transcendental que medita em primeira pessoa. Referimo-nos ao ponto zero corporal, a partir do qual, a variação no modo de dar o objeto responde de uma maneira diferente em que o sujeito se "orienta" para ele.

Observa-se, portanto, que, em princípio, os quatro caracteres que acabamos de apontar são co-implicados, ao mesmo tempo que determinam o âmbito do "corpo próprio" na medida em que têm um eixo comum que faz referência ao "movimento" enquanto tal. Com efeito, o "corpo próprio", sede de um *eu* transcendental, aparece como o *ponto zero*⁶ de todas as suas operações, isto é, um "ai" absoluto instituinte, a partir do qual se "orienta" espacialmente e que, em seu deslocamento ou possibilidades cenestésicas - uma série de movimentos que pertencem à essência da percepção - condiciona o aparecimento do objeto. De modo que, em virtude de uma experiência original do governo do próprio corpo, torna-se possível a impleção do horizonte interno de um objeto que, dito ao passar, aparece de modo "inadequado", isto é, como um objeto que resiste a se apresentar omni-lateralmente ao modo de uma *em-si-dade* que se contempla desde nenhuma perspectiva e por isso mesmo, desde todas as perspectivas. Neste sentido, podemos afirmar que, o ego transcendental imerso na corporalidade constitui uma intencionalidade de horizonte que não só dá conta da essencial "independência" do objeto, na medida em que seus *aspectos* são inesgotáveis, mas também de uma estrutura de determinação que configura o objeto na medida em que suas diversas aparições convergem entre si.

Agora, o que é status do corpo próprio no quadro do desenvolvimento que acabamos de mencionar? Dito de outra forma, como se constituem os objetos do mundo e mais precisamente, esse objeto peculiar chamado *corpo próprio* através de um *eu* transcendental exposto na reflexão transcendental?

Na atitude natural, o mundo é imediatamente aceito, ou seja, como um mundo que esta persistentemente para *meu* - ego que medita - *aí* adiante, de modo que, as funções transcendentais entendidas como polo gerador de atos, ficam "escondidas" em uma subjetividade natural que se encontra perdida ou absorvida em um mundo supostamente independente. Após a primeira época e sua recondução correlativa do mundo para conteúdos imanentes da consciência, torna-se evidente que, a pretendida imediaticidade do mundo é o resultado de

⁶ Referimo-nos ao *ponto zero* corporal, a partir do qual, a variação no modo de dar do objeto responde de uma maneira diferente em que o sujeito se "orienta" para ele.

uma mediação que tem seu ponto de ancoragem em um ego transcendental cujas operações constituintes são produtoras de sentido e, por essa razão, de tudo aquilo que se insere no mundo. Sob esta perspectiva, embora o corpo como próprio, incide na configuração de sentido em virtude do seu "movimento", no entanto, apareceria como um derivado ou produto que tem sua razão de ser, a partir de um *ego* transcendental, isto é, uma consciência fora do mundo que só estaria separado dos objetos, pela espessura de seu corpo que, como tal, seria parte-do-mundo. De modo que, se reduzirmos a análise a este quadro conceptual, o corpo próprio não seria outra coisa que um objeto peculiar que se inscreve no mundo como realizando uma função mediadora com o resto dos objetos, o que equivale a dizer que, a corporalidade própria não seria mais que uma objetividade subjetiva. E de fato, diz Husserl na *V Meditação* que tem traços que determinam a corporalidade do "outro" e, somamos nós, da "minha", consiste em ser "também" uma coisa da natureza:

"experimento os outros como objetos do mundo - não como meras coisas da natureza, embora, em um aspecto, *também assim*.⁷"

O termo "também" estaria aludindo a esse caráter duplo já mencionado, segundo o qual o corpo próprio - assento de um *eu* transcendental - se apresentaria como uma objetividade subjetiva, na medida em que é o correlato noemático de uma doação de sentido noético-subjetiva, embora, enquanto exhibe notas espaciais que não o reduzem a uma mera estrutura físico-natural, é "também" um objeto peculiar que não só carrega em si mesmo seu princípio de movimento - ao igual a "outros" corpos próprios - mas opera como instância "mediadora" com os outros objetos do mundo. Em outras palavras, este corpo próprio ou *objetividade subjetiva*, não seria nesta questão, outra coisa que um peculiar "objeto" ao serviço de um "sujeito" que o anima e o move.

Neste contexto, parece que E. Husserl explica a relação consciência, corpo próprio e linguagem ou fala em termos de um instrumento. Mas vamos ver se a questão da linguagem ou fala reduz este esquema

⁷ As itálicas são nossas.

E. Husserl observa na linguagem não apenas um sistema de *signos externos*, já que o significado está ancorado na vida intencional da consciência. Neste contexto, as palavras fazem sentido porque remetem a vivências que estruturam um significado segundo um corpo próprio eminentemente móvel. O problema é que para ele o ponto zero da fala parece estar ligado atos de significação e intencionalidade cuja origem, além do corpo próprio, é o *eu transcendental* - já dito acima -.

Merleau-Ponty corpo próprio e fala

Em sua fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty enumera uma série de Traços em torno ao do corpo vivido que impedem de conceber o corpo próprio em termos de uma caracterização "objetiva" o que, dito seja a passagem, permite destacar os traços constitutivos de uma corporalidade "singular". Se quiséssemos esquematizar estes traços, poderíamos reduzi-los a quatro eixos que, a nosso entender, se estruturam não só em torno da noção de "movimento", mas também, à noção de ser-do-mundo, a saber:

- Enquanto qualquer objeto é passível de se "mostrar" desde diversas perspectivas, "meu" corpo próprio nunca está "diante de mim", mas deste lado de "meu", mais aca de toda visão.
- "Meu" corpo é suscetível a experimentar sensações duplas.
- A "corporalidade", enquanto é "minha" não experimenta a "dor" como se, em rigor, fosse uma causa objetiva ou externa, mas sim que, ela mesma, é o "sujeito" da sensação dolorosa.
- A experiência motriz que tenho de qualquer objeto difere da experiência da minha corporalidade, pois ela se move pelo *motus*. próprio.

Com efeito, "meu" corpo próprio, enquanto se desloca de forma autônoma ou, o que é o mesmo, por *motus* próprio, não é um objeto "no" mundo reapresentado, em torno do qual possa realizar uma série de movimentos que configuram os aspectos deste peculiar objeto, indefinidamente, pois não só há aparições que me são vedadas verbalmente: o aspeto-costas-minhas - que, dito seja a passagem, seria uma menção vazia não plenificável de modo imediato -

mas este é, um objeto particular que tem uma presença "permanente" embora suas aparições sejam parciais. De modo que, o corpo próprio, não é neste ponto de vista, um objeto *partes extra partes* ou seja, uma objetividade cuja estrutura se circunscreve a relações externas-mecânicas que, na perspectiva husserliana, poderia ser assimilado a noção de corpo físico-natural (*Körper*), na medida em que, como se disse acima, o corpo é "também" uma coisa da natureza constituída por um ego transcendental⁸ e, justamente por isso, não pode ser reduzido a uma coisa mais da natureza, mas a uma relação causal que "recebe" e "transmite" no mundo estímulos isolados. De fato, diz Merleau-Ponty a respeito:

“Se se quisesse inserir o organismo no universo dos objetos e fechar com ele a este universo, era preciso traduzir o funcionamento do corpo na linguagem do cérebro e descobrir sob o comportamento, a dependência linear do estímulo e da[receptor, do receptor e do *Empfinder*”⁹

Pelo contrário, o corpo é caracterizado por um modo de ser absolutamente "singular" na medida em que, além do mencionado acima, por um lado, experimenta sensações duplas e, por outro, é sujeito de afecções que o singularizam num "mundo" que vem para desfocar a participação da consciência e do objeto: aparece então como uma classe de testemunha ontológica enquanto dá conta do sentido, o que equivale a dizer que, o corpo é um sujeito cuja especificidade reside em seu próprio ser. Agora bem que significa que o corpo próprio é um ser-do-m, mundo?

Segundo Merleau-Ponty, a corporalidade própria está comprometida pragmaticamente no mundo¹⁰, isto é, sua relação com ele, não é teórica ou, o que é o mesmo, objeto de representação de um sujeito cognoscente, mas, que a

⁸ Vale esclarecer que Husserl, em seu afã de realizar uma filosofia sem pressupostos, isto é, uma filosofia no sentido estrito, coloca entre parênteses "também" o conhecimento das ciências. O que se quer dizer com a noção de corpo-físico-natural e sua assimilação a um objeto *partes extra partes* é que, em ambos os casos haveria um "objeto" sem mais.

⁹ Merleau-Ponty; *Fenomenologia da Percepção*; Cap. I; "O corpo como objeto e a fisiologia mecanicista"

¹⁰ No entanto, esta relação não se reduz a uma mera operação pragmática, pois há comportamentos do corpo que são estruturados em torno de movimentos que não têm uma finalidade pragmática como é o caso de! comportamento erótico ou dança.

experiência do corpo enquanto vivido, se estrutura em torno de uma relação estreita onde, por um lado encontramos o "corpo" como repertório de possibilidades habituais de ação ou movimento e, por outro, o "mundo" como plexo utensíliar de coisas que não estão "na minha frente" mas "propõem" um comportamento específico que é dito ao passar se aprende em uma cultura "intercorporalmente" de tal forma que, ambos os fins da estrutura são co-implicados essencialmente. E isso, Merleau-Ponty vai tematizar no desenvolvimento que faz sobre o caso do membro fantasma:

"permanece aberto a todas as ações que somente o braço é capaz, guarda-se o campo prático que tinha antes da mutilação"

De modo que, o caso do membro fantasma viria a dar conta de um saber tácito que se inscreve no corpo enquanto "sabe" como se comportar, isto é, como lidar com algo, na medida em que o corpo enquanto vivido, é um esquema motor que tem em si mesmo possibilidades latentes de ação. É por isso que, Merleau-Ponty, vai destacar certas camadas do corpo próprio que correspondem a diferentes dimensões temporais. Na verdade, o corpo atual enquanto eu posso mover à vontade no "agora" pressupõe um corpo habitual, isto é, uma latência de movimentos possíveis que operaria como um "passado" do corpo que ainda está presente de forma implícita e que, "antecipa" pragmaticamente a dação de sentido.¹¹

327

A fala como expressão do corpo

Até aqui nós temos desdobrado de duas perspectivas fenomenológicas a relação entre três tópicos fundamentais, isto é, o eu transcendental que pensa e medita, o corpo próprio e o movimento - E. Husserl e M. Merleau-Ponty -, A pergunta que se impõe é a seguinte: qual é a relação constitutiva de tais tópicos e sua ligação com a fala?

O pensar ou o *eu* transcendental meditativo se manifesta partir de uma experiência de expressão e apropriação da linguagem. O que significa enfatizar

¹¹ Merleau-Ponty menciona, uma terceira dimensão temporal que aludiria a um "passado original", isto é, um passado que nunca esteve presente

que se trata com ele precisamente de uma experiência da linguagem em que esta é vivida antes de tudo como fala (*parole*). O sujeito que fala não experimenta a linguagem propriamente como um sistema de signos (*langue*), onde a compreensão das estruturas fonéticas, sintáticas e semânticas garantiria o sentido do que vai ser expresso, mas muito mais como uma palavra viva (*lebendige Sprache*), cujo sentido é feito no momento da sua expressão. A palavra dita, pronunciada, não é, por isso, um signo do pensamento, uma representação ou imagem verbal cuja função principal seria ser portadora dos significados ou conceitos elaborados por este. A palavra dita, pronunciada, é palavra viva, língua falante (*parole parlant*) antes que língua falada (*parole parlé*). Sua maneira de dizer, de significar, tem mais a ver com um gesto linguístico, na medida em que é uma palavra encarnada que expressa nosso modo de ser no mundo.

Mas, o que é o gesto linguístico?

Diz Merleau-Ponty:

“O gesto linguístico, como todos os outros, desenha ele mesmo o seu sentido. Primeiramente essa ideia surpreende, mas somos obrigados a chegar a ela se queremos compreender a origem da linguagem, problema sempre urgente embora psicólogos e linguistas concordem em recusá-lo em nome do saber positivo. Primeiramente parece impossível dar às palavras, assim como aos gestos, uma significação imanente, porque o gesto se limita a indicar uma certa relação entre o homem e o mundo sensível, porque esse mundo é dado ao espectador pela percepção natural, e porque assim o objeto intencional é oferecido à testemunha ao mesmo tempo em que o próprio gesto. A gesticulação verbal, ao contrário, visa uma paisagem mental que em primeiro lugar não está dada a todos e que ela tem por função justamente comunicar.”¹²

328

O gesto linguístico está relacionado com a ideia de que a linguagem não é apenas um sistema de signos abstratos, mas um fenômeno encarnado e expressivo. Isso significa que a linguagem, como outros atos humanos, se manifesta como um ato corporal e dinâmico, profundamente conectado com nossa experiência perceptiva e nosso *ser-no-mundo*. Assim, a linguagem não é somente um ato mental ou puramente simbólico, mas está ancorada no corpo.

¹² Merleau-Ponty; *Fenomenologia da Percepção*; Cap. VI; "O corpo como expressão e as palavras", p. 253.

Quando falamos, nosso gesto linguístico envolve movimentos corporais, vibrações vocais, respiração, gestos faciais que fazem parte da nossa experiência de comunicação. A palavra não é um signo arbitrário, mas uma maneira de dar forma à nossa percepção e nossa relação com o mundo. Nesse sentido, o gesto linguístico é semelhante a outros gestos corporais: não é algo que simplesmente "acompanha" o pensamento, mas que o expressa, cria e concretiza na experiência.

Referências

WALTON, ROBERTO, *Husserl, Mundo, Consciencia e Temporalidad*, 1994.

HUSSERL, EDMUND; *Meditaciones Cartesianas*, Ed. ED/TORA NACIONAL MADRID; Trad. José Gaos. 1989.

MERLEAU-PONTY, MAURICE, *Fenomenologia da percepção*, [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo, 1999.

Submissão: 11.08.2025

/

Aceite: 22.11.2025